



Contemporânea

Contemporary Journal

3(3): 2056-2070, 2023

ISSN: 2447-0961

Artigo

EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS E AGROEXTRATIVISMO EM UMA COMUNIDADE TRADICIONAL DO NORTE DE MINAS GERAIS

SOLIDARITY ECONOMIC ENTERPRISES AND AGROEXTRATIVISM IN A TRADITIONAL COMMUNITY IN THE NORTH OF MINAS GERAIS

DOI: 10.56083/RCV3N3-049

Recebimento do original: 10/02/2023

Aceitação para publicação: 06/03/2023

Ana Paula Gomes de Melo

Doutoranda em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros (PPGDS – UNIMONTES)

Endereço: Av. Prof. Rui Braga, S/N, Vila Mauriceia, Montes Claros - MG, CEP: 39401-089

E-mail: anameloufmg@gmail.com

Roberta Ribeiro da Cruz Cangussu

Doutoranda em Engenharia e Ciência de Alimentos pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Instituição: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Endereço: Estr. Bem Querer, Km-04, 3293, 3391, Campus de Candeias - BA, CEP: 45083-900

E-mail: roberta_cangussu@hotmail.com

Amanda Pereira Acypreste

Graduada em Engenharia Agrônoma pela Universidade Federal de Minas Gerais

Instituição: Instituto de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Minas Gerais (ICA – UFMG)

Endereço: Av. Universitária, 1000, Universitário, Montes Claros - MG, CEP: 39404-547

E-mail: amanda_acypreste@hotmail.com

RESUMO: A Economia Solidária teve início no Brasil nos anos 1970 como um movimento da sociedade civil apoiado por organizações não governamentais, governamentais, religiosas e sindicais em busca de alternativas produtivas de geração de ocupação e renda. As experiências em economia solidária buscam a junção de duas noções historicamente dissociadas: iniciativa produtiva e solidariedade; partem de iniciativas locais acompanhadas ou não



de incentivo externos e buscam prioritariamente resolver problemas de produção e comercialização. Este artigo debate algumas das características, potencialidades e limitações de empreendimentos econômicos solidários por populações tradicionais que habitam uma região conhecida como “Gerais” – subclassificação do Bioma Cerrado, ao Norte de Minas Gerais. Estes grupos de agricultores e agricultoras coletam, beneficiam e comercializam frutos do Cerrado por meio do trabalho coletivo em agroindústrias e cooperativas locais ao mesmo tempo em que vêm conservando de forma efetiva grandes áreas naturais. Este artigo é resultado de atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas junto à COOPAAB – Cooperativa dos Agricultores Agroextrativistas da Comunidade Água Boa II localizada no município de Rio Pardo de Minas. Os resultados mostram que a cooperativa surgiu de um histórico de lutas por terra e territórios, muito presente nesta região; é protagonizada por mulheres; possui uma produção diversificada e encontra dificuldades para enfrentar a legislação sanitária e na etapa de comercialização.

PALAVRAS-CHAVE: Alto Rio Pardo, Beneficiamento, Comercialização, Cooperativas.

ABSTRACT: The Solidarity Economy began in Brazil in the 1970s as a civil society movement supported by non-governmental, governmental, religious and union organizations in search of productive alternatives to generate employment and income. Experiences in solidary economy seek to join two historically dissociated notions: productive initiative and solidarity; they start from local initiatives, accompanied or not by external incentives and seek, as a priority, to solve production and commercialization problems. This article discusses some of the characteristics, potentialities and limitations of solidary economic enterprises by traditional populations that inhabit a region known as “Gerais” – subclassification of the Cerrado Biome, in the North of Minas Gerais. These groups of farmers collect, process and sell Cerrado fruits through collective work in agroindustries and local cooperatives, while effectively conserving large natural areas. This article is the result of research and extension activities developed with COOPAAB - Cooperativa dos Agricultores Agroextrativistas da Comunidade Água Boa II, located in the municipality of Rio Pardo de Minas. The results show that the cooperative emerged from a history of struggles for land and territories, very present in this region; it is played by women; it has a diversified production and finds it difficult to face sanitary legislation and in the commercialization stage.

KEYWORDS: Alto Rio Pardo, Improvement, Commercialization, Cooperatives.



1. Introdução

O Cerrado é um bioma de grande importância para o país, promovendo o sustento de vários segmentos sociais do meio rural, como as populações quilombolas, povos indígenas e populações tradicionais, que têm como base o trabalho familiar. Atualmente, percebe-se uma maior valorização do Cerrado, devido a organizações governamentais e não governamentais promoverem ações de conservação da biodiversidade e valorização destas populações que vivem deste bioma (BISPO, 2014).

O agroextrativismo é uma importante atividade desenvolvida no Cerrado devido ao seu conceito de trabalho, valorização do acesso a terra pelas populações de agricultores familiares e comercialização associada à conservação ambiental. Neste sentido, destaca-se, para fins desse artigo, uma população tradicional que habita as chapadas cobertas por vegetações de cerrados e veredas no norte de Minas Gerais: os *Geraizeiros* (DAYRELL, 2012). Entre esta população e suas diversas comunidades é comum a prática do agroextrativismo e o beneficiamento de frutos do cerrado para fins de consumo ou comercialização. Estas atividades muitas vezes ocorrem de forma coletiva, através de cooperativas e agroindústrias comunitárias; opção que decorre das dificuldades em desenvolver a atividade de forma individual e do apoio que encontram em seus laços de parentesco e amizade ou do incentivo externo via financiamentos e assessorias.

Desta forma, percebe-se que o modo de produção agroextrativista fortalece a denominada economia solidária devido à relação construída entre a natureza e os empreendimentos coletivos de agricultores. Esta combinação possui perspectivas contrárias ao capitalismo, sendo sustentadas na



diversidade de um ambiente justo com valores éticos. A economia solidária se baseia nos princípios de igualdade, justiça e equidade com uma nova perspectiva de mercado (SIMONI, 2010).

A região do Alto Rio Pardo, onde se realizou este estudo, se destaca pela criação e crescente aumento de iniciativas de economia solidária, como pôde-se perceber em pesquisas anteriores. Estas experiências congregam objetivos de ocupação e renda, melhoria de qualidade de vida através da produção agroecológica e diminuição das desigualdades sociais, inclusive desigualdades de gênero, geração e etnia. Em sua maioria são grupos produtivos dedicados ao beneficiamento de frutos do Cerrado em doces, polpas, óleos; ao cultivo/coleta, manuseio e comercialização de plantas medicinais; à indústria doméstica rural, que processa produtos da agricultura familiar, tais como: farinha de mandioca, polvilho, biscoitos, doces e bolos. São grupos produtivos que envolvem uma ampla gama de atividades e que, na maioria das vezes, são rurais e protagonizados por mulheres.

2. Economia Solidária

Diante do cenário vivido, percebe-se o aumento da preocupação da população com o desemprego, pobreza e qualidade de vida das pessoas. Devido às transformações no mercado de trabalho, novas alternativas de ocupação e geração de renda estão se expandindo a partir de experiências coletivas representadas por associações, cooperativas, organizações populares, tanto no campo como na cidade, configurando o que se denominou “economia solidária” (RANGEL; MANOLESCU, 2012).

O termo economia solidária se consolidou nos anos 1990, frente ao cenário econômico do Brasil e se popularizou devido às suas características de natureza associativa, cooperação e autogestão (GAIGER, 2013). A economia solidária se caracteriza pela gestão coletiva e por fundamentos baseados na cooperação, solidariedade, partilha, buscando a valorização do



ser humano, geração de emprego e renda e conseqüentemente melhores condições de vida (RANGEL; MANOLESCU, 2012). Já os Empreendimentos Econômicos Solidários são definidos como “práticas coletivas de produção, comercialização e trocas que visam ocupação e renda, mas que se baseiam em princípios de solidariedade. Destacando-se a autogestão, a preocupação com o ambiente e equidade na divisão dos resultados.” (SINGER, 2002; p.13).

Devido à geração de renda e emprego alternativos e conseqüente inclusão social, os empreendimentos da economia popular solidária são capazes de promover o desenvolvimento local da região onde se localizam, ao mesmo tempo como são alicerçados em valores de sustentabilidade, como admitem KRAYCHETE; SANTANA (2012), os ideais da economia solidária estão ligados diretamente com o agroextrativismo. Esta ligação pode ser notada na diversidade sociocultural existente, na valorização e reconhecimento dos produtos extrativistas e também na conservação e uso sustentável do meio ambiente, como forma de geração de renda e consumo (SIMONI, 2010).

Neste sentido, algumas das questões que orientam o debate sobre o agroextrativismo do Cerrado focalizam a sustentabilidade dos sistemas de produção agroextrativista, bem como as inovações institucionais na comercialização e acesso a mercados, na assistência técnica e extensão rural (SCARIOT *et al.*, 2014).

Muito se tem debatido sobre as inovações empreendidas por grupos específicos (agricultores familiares, mulheres, indígenas, quilombolas, etc.) tanto na fase de beneficiamento, onde se percebe uma produção voltada para hábitos alimentares locais, que fortalecem a soberania alimentar, quanto na interação com mercados e criação de novos mercados. Sabourin *et al.* (2014) mostram que produtores familiares têm conseguido progressivamente investir no circuito da venda direta e das feiras agroecológicas mediante modalidades de coordenação organização



específicas, de certo modo inovadoras e baseadas em formas de reciprocidade, ajuda mútua e de aprendizagem coletiva.

3. Populações Tradicionais e Agroextrativismo – Os Geraizeiros

O modo de vida de populações tradicionais é particularmente marcado por sua relação com ambiente. Neste sentido, desenvolvem sistemas de produção adaptados às condições naturais e estabelecem ao longo do tempo normas de gestão de bens e recursos comuns, que visam conservá-los ao mesmo tempo em que se faz o uso para a reprodução familiar. Além disso, a vivência e a convivência num local por várias gerações permitem a construção de valores e costumes locais que são respeitados e reproduzidos, dando consistência ao conceito de populações tradicionais que:

aplica-se àqueles povos que vivem em áreas geográficas particulares e demonstram, em vários graus, as seguintes características: ligação intensiva com os territórios ancestrais; auto-identificação e reconhecimento pelos outros povos como grupos culturais distintos; linguagem própria, muitas vezes diferente da oficial; presença de instituições sociais e políticas próprias e tradicionais; e sistema de produção voltado principalmente para a subsistência (DIEGUES; ARRUDA, 2001, p.23).

Entre as diversas populações tradicionais que existem no Brasil muito se tem debatido a respeito daquelas que habitam o bioma Cerrado. Estas mantêm ao longo de 12 mil anos de ocupação, uma variedade de modos de vida e estratégias de uso e convivência com a diversidade ecológica deste ambiente e contribuem como conhecedoras e guardiãs do patrimônio ecológico e cultural da região (REDE CERRADO, 2015). Os povos tradicionais do Cerrado possuem um modo de vida de grande vínculo com a natureza e a terra; marcados pela construção histórica de luta pela terra, principalmente devido às frequentes disputas contra as expansões dos monocultivos do sistema capitalista. Estas disputas são marcadas contra a poluição dos rios,



conciliam outras atividades, como criação de animais e produção agrícola, não havendo assim, uma dependência econômica total relacionado a apenas um produto (BISPO, 2014). Neste contexto, os agroextrativistas tendem a conservar os recursos naturais, pois dependem dele para a sua sobrevivência. Scariot *et al.*, (2014) argumentam que o Cerrado se caracteriza por uma alta diversidade biológica, de modo que são muitas as espécies passíveis de aproveitamento. O extrativismo no Cerrado é uma atividade que se realiza sempre de forma associada à agricultura familiar. Essa é uma das suas principais especificidades, a de se caracterizar antes como agroextrativismo, e não apenas como extrativismo, ou seja, com foco exclusivo na coleta de produtos florestais não madeireiros.

O processo de comercialização de produtos agroextrativistas, muitas vezes é restrito, não somente devido a questões econômicas, mas também devido a restrições relacionadas aos aspectos culturais (FREITAS; RIBEIRO, 2013). Conforme apresentado em estudos, uma das maiores dificuldades é o beneficiamento dos produtos, a armazenagem dos mesmos e o transporte até os pontos de comércio (BISPO, 2014). As cooperativas agroextrativistas têm sido criadas neste contexto, reunindo pequenos produtores, que detém de pouca quantidade de produtos específicos, com objetivo de ser representadas no mercado com maior força, maior representatividade, maior gama de produtos e melhor qualidade. Reduzindo o papel dos atravessadores nos canais de comercialização, e, conseguindo então, competir com grandes empresas já consolidadas no mercado (BISPO, 2014).

4. Área de Estudo e o Caso da Coopaab

O município Rio Pardo de Minas está localizado na região Norte de Minas, mais especificamente na microrregião de Salinas e ocupa uma área de 3.118,67 quilômetros quadrados. É banhado pelos rios Preto e Pardo. O



comum a emigração para o sul de Minas Gerais, onde encontram ocupação em fazendas produtoras de de café, ou para o Estado de São Paulo, onde são empregados no corte da cana-de-açúcar. Neste contexto, as mulheres se vêm diante do desafio de viver e criar os filhos com os recursos que dispõem no sítio e os depósitos realizados pelos maridos com frequência variada e quando é possível. No entanto, apoiadas nos fortes laços comunitários e com grande determinação, estas mulheres encontram oportunidades e constroem alternativas de ocupação e renda, mantendo-se na comunidade onde nasceram e foram criadas. Neste sentido destaca-se o extrativismo e processamento de frutos nativos.

A Comunidade rural Água Boa II é uma das 28 que se localizam no entorno da área da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes Geraizeiras, que corresponde a 38.209 hectares de uma imensa riqueza natural. Os recursos aí encontrados proporcionam às comunidades rurais de seu entorno grande quantidade e diversidade de frutos nativos e abundância de água, que garantem a segurança alimentar e o modo de vida das famílias geraizeiras que aí vivem.

Sendo tradicional, esta população mantém hábitos culturais que refletem sua religiosidade, laços de reciprocidade e pauta alimentar. Merece destaque a importância dos frutos nativos que são utilizados e consumidos de diversas maneiras pelas famílias que habitam há séculos esta região do Alto Rio Pardo. A começar pelo Pequi, este é consumido cozido junto ao arroz e constitui-se um dos pratos mais típicos de todo o Norte de Minas Gerais. Na área da RDS, também conhecida como Chapada do Areião, uma grande população de pequizeiros e seus frutos, além de cozidos, são processados e beneficiados em forma de óleo e conserva. O jatobá também é muito valorizado por estas comunidades. Os moradores mais antigos relatam que em épocas difíceis, de escassez de recursos naturais ou dificuldades com as lavouras, o que se tinha para a alimentação das famílias era o mingau de jatobá. Ainda hoje este fruto é apreciado e consumido de diferentes formas,



econômico solidário composto por agricultores e agricultoras agroextrativistas e apoiar algumas de suas demandas. Entre elas, uma importante conquista foi a aprovação de um projeto ao Instituto População, Sociedade e Natureza – ISPN, o qual proporcionou recursos para a reforma da unidade de beneficiamento da cooperativa e adequação às normas e exigências sanitárias do Ministério da Agricultura e Pecuária - MAPA, para, assim, alcançar as condições necessárias para a certificação e legalização do empreendimento, que ocorreu em 2018.

Outra conquista de especial importância para a COOPAAB foi a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes Geraizeiras¹, pois, a partir dos planos de manejo e conservação desta área estarão garantidas para a posteridade as principais matérias primas utilizadas por esta cooperativa.

As atividades de capacitação e assessorias, assim como as conquistas descritas acima, contaram com o apoio de organizações locais e regionais que se tornaram parceiras: Sindicato de Trabalhadores Rurais de Rio Pardo de Minas, Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas – CAA-NM, EMBRAPA CERRADOS, Cooperativa Grande Sertão, UNICAFES, Instituto de Ciências Agrárias da UFMG e UNIMONTES. Foram realizados planejamentos participativos anuais, rodas de conversas com as mulheres, reuniões de avaliação, contatos com organizações governamentais responsáveis pela parte burocrática e sanitária, cursos de boas práticas de produção, rotulagem e legislação sanitária, elaboração de projetos, gênero e economia solidária, comercialização e feiras. Destaca-se também vistas técnicas e trocas de experiências com outras cooperativas e comunidades geraizeiras, no Norte de Minas Gerais.

¹ Para mais informações sobre a RDS Nascentes Geraizeiras consultar Melo *et al* (2021) e Agostinho; Crepaldi (2018).



Referências

AGOSTINHO, Maria Lúcia de O; CREPALDE, Rodrigo dos S. "Nós sem Deus e sem água não é nada": saberes e conquistas na criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes Geraizeiras. **Cadernos CIMEAC**, Uberaba, v.8, n.1, p. 364-390, 2018.

BISPO, T. W. **Agroextrativismo no vale do Rio Urucuia-Minas Gerais**: formas de organização da produção e da distribuição. Dissertação (Mestrado em Agronegócios) - Faculdade de Agronomia e Veterinária, Universidade de Brasília, Brasília, 2014, 146p.

BRITO, I. C. B. A rede-movimento social dos geraizeiros do norte de Minas. In: VI Encontro Nacional da Anppas. 2012, Belém. **Anais...** Belém, 2012.

CORREIA, J. R. **Pedologia e conhecimento local: Proposta Metodológica de Interlocação Entre Saberes Construídos por Pedólogos e Agricultores em Áreas de Cerrado em Rio Pardo de Minas, MG**. Tese (Doutorado em Ciências em Agronomia) – Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2005, 234p.

DAYRELL, C. A. Agricultura geraizeira, identidade e educação. **Trabalho e Educação**, v.21, n.3, p. 99-120, Belo Horizonte, 2012.

DIEGUES, A.C.; ARRUDA, R.S.V. (Org). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.176p.

FONSECA, A. I. A.; REIS, E. F. R.; GOMES, L. F. As tradições agroecológicas nas populações tradicionais do norte de Minas. In: XXI Encontro nacional de geografia agrária. 2012, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia, 2012.

FREITAS, C. S.; RIBEIRO, E. M. Experiências de comercialização agroextrativista dos agricultores familiares do Rio dos Cochos, Januária/Cônego Marinho – MG. **Organizações Rurais e Agroindustriais**, v. 15, n. 3, p. 411-424, 2013.

GAIGER, L. I. A economia solidária e a revitalização do paradigma cooperativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.28, n. 82, 2013.

IBGE, *Cidades@*: Rio Pardo de Minas (MG) - **Histórico do Município**. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=315560&search=minas-gerais|rio-pardo-de-minas|infograficos:-historico>. Acesso em: 05 mai. 2016.



KRAYCHETE, G.; SANTANA, A. Economia dos setores populares e inclusão socioprodutiva: conceitos e políticas públicas. **IPEA: Mercado de trabalho**, n.52, 2012.

MANDUJANO, R. M. **Disputas territoriais entre o agroextrativismo do pequi e o agronegócio na substituição do cerrado por monocultivos agroindustriais**: estudo das microrregiões porto Franco-MA e Jalapão-TO. Dissertação (Mestrado em geografia) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, 2013.

MELO; THÉ; LIMA; MELO. Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes Gerazeiras: uma experiência de resistência e etnoconservação no Norte de Minas Gerais. In: **Interfaces entre Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade**. V.15, N.1. UFRRJ, 2021.

RANGEL, R. R.; MANOLESCU, F. M. K. Economia solidária pela perspectiva histórico-teórica. **Educação, Gestão e Sociedade**: revista da Faculdade Eça de Queirós, n.8, 2012.

REDE CERRADO. Disponível em: <<http://www.redecerrado.org.br/>>. Acesso em: 19 out. 2015.

SABOURIN, E.; THOMAS, S.; EGRET, L.; AVILA, M. L. Inovação social na comercialização de produtos orgânicos e agroecológicos da agricultura familiar no Distrito Federal. **Sustentabilidade em Debate**, v. 5, n. 3, p. 98-119, 2014.

SCARIOT, A.; D'ANGELIS, J.; CARRAZZA, L.; AFONSO, S. O agroextrativismo do Cerrado em perspectiva. **Sustentabilidade em Debate**, v. 5, n. 3, p. 137-158, 2014.

SIMONI, J. A Revitalização do Extrativismo: Práticas de Economia Solidária e Sustentabilidade. **IPEA: Mercado de trabalho**, n. 42, 2010.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. 1ª edição, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002. 126p.

VELOSO G. A.; ROSA R. Mapeamento da Monocultura do Eucalipto na Microrregião de Salinas, Norte de Minas Gerais, nos Anos de 1986, 1996 e 2010. In: XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária, "Territórios em disputa: os desafios da geografia agrária nas condições do desenvolvimento brasileiro". 2012, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia, 2012.